

TRADIÇÃO E HISTÓRIAS DE LÁ EM “ÁFRICA, MEU PEQUENO CHAKA...”

Autor: Profa. Ma. Francielle Suenia da Silva; Orientadora: Profa. Dra. Márcia Tavares

Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: franciellesu@gmail.com

Resumo: A literatura é uma manifestação artística que encanta leitores das mais diversas idades, independente da temática desenvolvida, se verossímil ou fantástica, a arte da palavra possibilita estranhamentos e encantamentos a quem nela se aventura. Sendo assim, adotamos, nessa pesquisa, a literatura infantil, uma vez que permite um efeito estético através da palavra e do recurso da ilustração, que atrai o olhar dos jovens leitores e possibilita outras formas de interpretar o que é lido. Com a sanção da lei federal 10.639 de janeiro de 2003, a literatura de temática afro-brasileira e africana vem ganhando visibilidade no ambiente escolar e em outros espaços sociais, de modo que possibilita o conhecimento e a valorização dessas culturas. Neste trabalho, será analisado o livro infantil “A África, meu pequeno Chaka...” (2006), de Marie Sellier e ilustrações de Marion Lesage. O objetivo dessa pesquisa é verificar, a partir das personagens Vovô Dembo e Chaka, como a tradição africana é representada nessa história. Além de observar de que forma o continente africano é representado na obra, observando os efeitos produzidos pelas palavras e pelas imagens. Como fundamentação teórica para este artigo, utilizaremos Coelho (2010) para abordar o tema da literatura infantil; além de Amâncio (2014) e as Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais (2006), no que diz respeito à literatura de temática africana e afro-brasileira em sala de aula. Consideramos que a presença da literatura negra, no ambiente escolar, favorece na formação de leitores, bem como na construção étnica e cultural dos indivíduos.

Palavras-chave: literatura infantil, África, representação.

Introdução

A manifestação artística literária abrange os públicos da mais diversas faixas etárias a partir da abordagem dos mais diversos temas e do trabalho com as linguagens que possibilitam o estranhamento, o encantamento, a fruição da leitura.

Quando pensamos em faixas etárias e linguagens, nos deparamos com uma parcela da literatura voltada ao público infantil e infantojuvenil que, para atender às necessidades do público-leitor em formação, utiliza muito mais que a arte da palavra; se depara, também, com a imagem, com a ilustração. Sendo assim, a literatura infantil permite que seus leitores/ouvintes tenham uma percepção ampla da história, através das palavras e das imagens, fazendo com que os leitores se encantem não só pelo texto que leem/ouvem, mas também pelo visual.

Quanto às temáticas, a literatura infantil, assim como a feita para adultos, permite o trabalho com os mais diversos temas – sociais, familiares, entre outros – proporcionando ao público o contato com diferentes temas a partir de abordagens mais brandas e que ressaltam, primeiramente, o caráter lúdico da obra.

Mas, como aproximar o texto ao público? A escola é um espaço privilegiado para o encontro entre obras e leitores. Nela, a mediação do professor se faz necessária para a introdução e desenvolvimento da leitura literária dos pequenos leitores que, dependendo da idade, ainda não dominam o código linguístico.

Considerando isso, neste trabalho, será analisado o livro infantil *A África, meu pequeno Chaka...* (2006), de Marie Sellier e ilustrações de Marion Lesage. O objetivo dessa pesquisa é verificar, a partir das personagens Vovô Dembo e Chaka, como a tradição africana é representada nessa história. Além de observar de que forma o continente africano é representado na obra, observando os efeitos produzidos pelas palavras e pelas imagens, tomando a escola como ambiente propício para o contato entre leitor e obra.

A literatura infantil no espaço escolar

De acordo com Nelly Novaes Coelho, no livro *Literatura Infantil: teoria, análise e didática*, a literatura infantil “é, antes de tudo, literatura; ou melhor: é arte: fenômeno da criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização” (COELHO, 2000, p. 27). A partir da definição da estudiosa, percebemos que a literatura infantil é tão importante – e tão arte – quanto outro tipo de literatura, principalmente, a direcionada a adultos, por exemplo. Desmistificar um pensamento de literatura menor ou mais fácil pode ser feito através de leituras, estudos e análises que destaquem as riquezas presentes nos textos dedicados ao público infantil.

Ainda de acordo com Coelho (2000, p.29), literatura infantil e para adultos possuem a mesma origem, no entanto “as diferenças que a singularizam são determinadas pela *natureza do seu leitor/receptor*: a criança.” A participação do adulto está no processo de escrita e mediação/leitura, quando consideramos que algumas crianças, devido à idade, não sabem ler o texto escrito.

Ao ter o caráter de representar a por meio da palavra e da imagem, a literatura infantil contribui para a experiência de mundo e literária do jovem leitor ratificando sua “abertura para a formação de uma nova mentalidade” (COELHO, 2000, p. 18), não só das crianças, mas também dos responsáveis pela mediação da leitura, sejam eles pais, responsáveis ou professores. O trabalho com as mais diversas temáticas possibilitam aos jovens leitores a base de um conhecimento que será aprofundado em outras experiências de vida.

A literatura é diversa, desde os gêneros até os temas. Ela, por ser um espaço de diálogo e diversidade, possibilita o conhecimento e o início do processo de conscientização sobre assuntos mais densos. Questões sociais e que mostram a diversidade cultural, por exemplo, podem ser facilmente encontradas em produções para o público infantil. Quando pensamos no contexto de Brasil, torna-se ainda mais relevante trabalhar, no ambiente escolar, culturas que passaram por uma fase de esquecimento e, agora, graças a movimentos sociais e leis afirmativas, vêm conquistando espaço nas diversas esferas sociais. Falar de África com crianças é despertar para o respeito às diferenças (mesmo havendo grande quantidade de África em nós e, por isso, somos tão semelhantes).

Independente da esfera social, a escola é um espaço que convida e pode contribuir para o diálogo e para a promoção da diversidade que a literatura infantil apresenta. Mesmo que não seja possível, ainda, “‘letrar’ literariamente o aluno” (BRASIL, 2008, p. 54), o professor, enquanto mediador, deve fornecer meios para despertar em seus alunos o interesse pela literatura e promover o entendimento das obras em suas mais diversas linguagens. Todo corpo docente deve estar inserido nessa preocupação, nesse objetivo, pois

independentemente do grupo social e/ou étnico-racial a que atendem, é importante que as instituições de Educação Infantil reconheçam o seu papel e função social de atender às necessidades das crianças constituindo-se em espaço de socialização, de convivência entre iguais e diferentes e suas formas de pertencimento (BRASIL, 2006, p. 37)

A partir de um trabalho consciente e coletivo com a literatura infantil de temática africana, é possível estabelecer um vínculo de respeito, convivência e admiração pelas diferenças, desde que haja o reconhecimento da responsabilidade social da escola.

Tradição e novidade em *A África, meu pequeno Chaka...*

A cultura africana em *A África, meu pequeno Chaka...* (2006) de Marie Sellier, e ilustrações de Marion Lesage, apresenta a riqueza, os costumes, o encontro de gerações, a sabedoria de África. Tal texto, trabalhado em sala de aula brasileira, “cria oportunidades diversas para discutir aspectos culturais e históricos do continente africano e do Brasil, bem como fomentar o pensamento crítico acerca de realidades diversas” (AMÂNCIO, 2014).

Na obra, duas personagens figuram na história: Vovô Dembo e Chaka. Ao termos uma criança e um idoso, presenciamos o encontro de duas gerações: a primeira, representando a novidade e, a segunda, a tradição. Juntos, Chaka e Vovô Dembo contam e descobrem o continente africano nas suas cores, religião, mística e memória. Nesse descobrir o passado e ser a esperança para o futuro, Chaka é “a criança é vista como um ser em formação, cujo potencial deve-se desenvolver em liberdade, mas orientado no sentido de alcançar total plenitude em sua realização” (COELHO, 2000, p. 27).

Nesse livro, percebemos a presença de categorias que dizem respeito ao contar da história pelo avô Dembo: a ancestralidade; a oralidade como elo entre a tradição e o novo; a aldeia como espaço de liberdade; a mística como o indecifrável que influencia na vida de todos; e a tradição como essência das pessoas que lá vivem e que perpassa por cada uma das categorias anteriores.

Durante a história, não temos a descrição do menino Chaka. Porém, ele descreve seu avô Dembo como uma pessoa alta, sábia e exímia contadora de histórias. Nessa descrição, percebemos a admiração do menino para com o avô, bem como o respeito pela faixa etária que Dembo representa. Nisso, Chaka vai descobrindo seu passado e valorizando sua história que não é só sua, mas de seu povo.

A tradição africana, representada por Dembo, é a da oralidade. Dembo tem histórias para contar e inicia falando das cores da África. Ela é preta, vermelha, branca, azul, amarela e verde. Ela tem cores: as da vida. Essa ideia da África multicolor não faz jus ao pensamento estigmatizado (pensamento, infelizmente, ainda presente no imaginário brasileiro) de que esse continente tem

apenas uma cor e que isso representa a morte, o sofrimento. Pelo contrário, há vida na África e a partir das suas cores podemos perceber isso.

Quanto à ancestralidade, Dembo é o primogênito de sua família e, a partir da pergunta do neto, descreve os pais. Descreve os pais e não deixa de mencionar que sua mãe Kadidja era, dentre as outras mulheres de seu pai, a predileta, a mais calma. O estereótipo do homem forte e falante é percebido quando se descreve Samba, pai de Dembo. Por ser “falante”, Samba era o contador de histórias e sua voz podia ser ouvida em duas situações: ou quando ele dava risadas ou quando se zangava; cada uma trazia sensações diferentes a quem o ouvia.

A aldeia era lugar de liberdade, de poucos moradores, lugar onde Dembo aproveitou sua infância com a naturalidade que lhe permitia. Lá era também lugar de manutenção da tradição, com rituais, bem como de comemoração. A tradição na aldeia também se dava por meio de festas, a exemplo da preparação do “Festim do Rei”

Dembo apresentou a Chaka o místico da África representado pelos espíritos da selva e na magia. Os espíritos eram invisíveis e tinham a função de vigiar e proteger a selva, mas também traziam sofrimento. A magia era feita por homens, mais precisamente, Tima-boca-torta, e tudo aquilo assustava o jovem Dembo. Isso mostra que a magia devia ser usada, mas apenas por aqueles que sabiam e podiam utilizá-la, além disso, o medo reforça a ideia do respeito pelo oculto.

Outra descrição da tradição é o ritual de passagem da infância para a vida adulta. Para esse ritual são necessários sacrifícios e privações seguidos de grande festa pela conquista dos jovens e o tributo aos antepassados que são vistos como os puros de coração que permanecem na memória de seus descendentes. Sobre isso, o avô diz ao neto que um dia ele, Dembo, também será um dos antepassados: “um dia, meu pequeno Chaka, também irei para o país onde o sol não se põe, o país dos ancestrais. Mas, se você prestar bem atenção, continuará a ouvir minha voz no zunido do vento, no sussurro das folhas, no range-range da areia sob os seus pés” (SELLIER, 2006, p. 37).

Ao ouvir isso, o menino diz que não quer que o avô morra, mas o ensinamento/pedido final do homem vem nas últimas linhas que dizem “e quem sabe se mais tarde, quando tiver minha idade, meu pequeno Chaka, você por sua vez não contará a seu neto as histórias de Vovô Dembo. Então, onde eu estiver, rirei de felicidade” (SELLIER, 2006, p. 38). O desejo de Dembo é que o neto continue com essa tradição-missão de contar as histórias dos seus ancestrais, de falar da África, de toda sua mística, festividade, mantendo a tradição.

A história da África também pode ser contada pelas imagens que acompanham o texto escrito. Além de imagens que representam Dembo, Chaka, Kadidja, Samba, entre outros

personagens mencionados, há, também, a presença de símbolos de várias partes da África: estátuas, máscaras (de festa, rituais), esculturas, entre outros objetos.

Um dado interessante que compõe o livro em estudo diz respeito às escolhas das ilustrações e figuras no texto bem como sua disposição na história. De um lado, temos ilustrações que nos remetem à história que está sendo contada pela personagem Vovô Dembo. Do outro, temos fotos de elementos culturais do continente africano.

Assim, tanto o texto quanto as imagens contam sobre a África e instigam para o aprofundamento na cultura africana. Como as fotos são de diversos países africanos, o professor pode aproveitar e estudar mais sobre a história e costumes das pessoas de um dos lugares que compõem a África. Conhecer o continente e as culturas africanas a partir da literatura e na escola possibilita o encantamento pela leitura e pelo diferente e pelo que o rodeia.

Conclusão

A literatura infantil, dentro de suas várias abordagens, vê a criança como um ser em formação e em suas histórias procura contribuir para crescimento cultural, ético, social da criança. Em *A África, meu pequeno Chaka...* vemos uma criança que procura saber mais sobre seu povo, sua história e, conseqüentemente, sobre si, uma vez que conhecer aquilo que formou seu povo, como ele se constituiu ao longo do tempo, influencia diretamente na vida, nos valores de Chaka.

Apresentar isso, em sala de aula, para os pequenos alunos é promover a valorização e o respeito às culturas. Lembrar que África é um continente que, assim como o continente americano, possui diferentes povos, idiomas, costumes e histórias, é aproximar a criança da pluralidade que forma as sociedades.

Apresentar a literatura como forma de viajar, de conhecer espaços, histórias, civilizações, culturas, é promover um conhecimento pelo lúdico, pela arte. Permitir que crianças leiam textos, se encantem (ou se assustem) pelas imagens é mostrar que imagens também falam, que o outro também ensina. Enfim, é proporcionar experiências que ultrapassam as fronteiras do texto e incidem, mesmo que de forma sutil, na vida do pequeno leitor/ouvinte.

REFERÊNCIAS

AMÂNCIO, Íris Maria da Costa; GOMES, Nilma Lino; SANTOS JORGE, Miriam Lúcia dos. **Literaturas Africanas e Afro-Brasileiras na Prática Pedagógica**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e Ações Para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília, MEC/SECAD, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Conhecimentos de língua e literatura. In: **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: Ministério da Educação, 2008.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

MADRUGA, Elisa. **Nas Trilhas da Descoberta: a repercussão do Modernismo Brasileiro na literatura angolana**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1998.

SELLIER, Marrie. **A África, Meu Pequeno Chaka**. Ilustrações: LESSAGE, Marion. Trad. Rosa Freire d' Aguiar. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2006.